

EPISÓDIO 34. TRAZER HISTÓRIAS DE SAÚDE PARA A PRIMEIRA PÁGINA

Esta transcrição foi gerada pelo software de transcrição Trint e editada pelo pessoal da TDR. A Organização Mundial de Saúde não é responsável pela exactidão da transcrição.

Garry Aslanyan [00:00:08] Olá e bem-vindo ao podcast Global Health Matters. Sou seu anfitrião, Garry Aslanyan. Em uma época em que a desinformação e a desinformação se tornaram uma ameaça válida à saúde global, ter acesso a relatórios confiáveis e confiáveis é essencial. Jornalistas de saúde global em níveis nacional e internacional desempenham um papel vital na descoberta de histórias importantes sobre saúde e também na formação da narrativa mais ampla da saúde global. Neste episódio, falarei com dois jornalistas de saúde experientes que estão firmes no chão para transmitir os problemas de saúde mais complexos a um público amplo. Stephanie Nolen é repórter global de saúde do The New York Times e já reportou em mais de 80 países ao redor do mundo. Ela foi oito vezes vencedora do Prêmio Nacional de Jornais do Canadá e sete vezes vencedora do Prêmio de Mídia Internacional da Anistia. Paul Adepoju é jornalista e cientista de saúde freelance baseado na Nigéria. Ele reporta regularmente para os principais veículos de mídia e ciência, como Nature, The Lancet, Devex e CNN. Ele também é gerente comunitário do Global Health Crisis Forum, que faz parte do Centro Internacional para Jornalistas. Oi, Stephanie. Oi, Paul. Como você está hoje?

Paul Adepoju [00:01:43] Oi, Garry. Estou indo bem. Obrigado por me receber. Estou feliz de estar aqui.

Stephanie Nolen [00:01:48] Oi, Garry. Oi, Paul. Estou muito bem, obrigado. Obrigado por me receber também.

Garry Aslanyan [00:01:51] Ótimo. Vamos começar. Então, quero começar perguntando a cada um de vocês sobre como acabaram escolhendo uma carreira no jornalismo. Talvez possamos começar com Stephanie e depois Paul.

Stephanie Nolen [00:02:02] Honestamente, acho que você deveria fazer essa pergunta a Paul primeiro, e espero que ele tenha uma história mais interessante. Eu nunca fiz outra coisa. Consegui meu primeiro emprego em um jornal local quando tinha 14 anos, e esse é o único conjunto de habilidades que tenho. Então, o declínio gradual do jornalismo é sinistro porque eu não sei como fazer outra coisa.

Garry Aslanyan [00:02:21] E, Paul?

Paul Adepoju [00:02:22] Muito obrigado. Então, eu tenho uma formação básica em ciências. Ainda me identifico como cientista, mas sempre fui jornalista. Eu sempre fui escritor desde meus tempos de colégio. Sempre desejei que o canal me expressasse e me comunicasse, esclarecesse e educasse. Então, enquanto continuei minha jornada na ciência, também continuei consistentemente minha jornada no jornalismo. E essa sempre foi uma experiência muito boa para mim, reunindo dois caminhos únicos, mas muito interessantes. Então essa é a minha jornada.

Garry Aslanyan [00:03:01] Stephanie, você disse que não fez nada além de ter feito muitas coisas diferentes ao abordar uma variedade de questões, obviamente ao longo dos anos, e, na verdade, eu pessoalmente aprendi muito lendo suas histórias em vários veículos com os quais você trabalha. Isso incluiu HIV, Aids na África, desnutrição infantil na Índia. Existe uma história de saúde global na qual você trabalhou que teve uma influência significativa em você pessoalmente?

Stephanie Nolen [00:03:29] Sim, eu diria que a que provavelmente mais me influenciou foi a epidemia africana de HIV. Passei 25 anos como correspondente estrangeiro e me mudei para me tornar chefe do escritório de Joanesburgo do The Globe and Mail, jornal nacional do Canadá, no início dos anos 2000. Nos últimos 3 ou 4 anos antes disso, eu estava fazendo viagens intermitentes a lugares diferentes, no leste, oeste e sul da África, para relatar sobre o HIV. Mas eu estava convencido de que essa era a maior e menos coberta história do mundo, então me mudei para a África do Sul para assumir o cargo de chefe de escritório em Joanesburgo e deveria cobrir tudo, mas realmente me concentrei... Você teve que se concentrar no HIV no início dos anos 2000. Era a história econômica, a história política e a história social e militar; era a história! Obviamente, foi devastador relatar que, dia após dia, eu conhecia pessoas no Canadá que viviam com HIV há uma década e ninguém ao meu redor conseguia obter os medicamentos que sabiam que as manteriam vivas, e eu viajava para lugares onde... Lembrou-me de ir a aldeias na Suazilândia, Lesoto, Zâmbia, onde não havia ninguém da minha idade. Eu tinha 30 e poucos anos e havia crianças e idosos e ninguém da minha idade; foi simplesmente extraordinário. Então, isso foi pessoalmente devastador, mas também muito inspirador. Os ativistas de tratamento sobre os quais escrevi e sua luta com a indústria farmacêutica foram muito inspiradores, e acho que o que eu realmente aprendi com isso como repórter foi... Foi aí que eu realmente comecei a entender que as histórias de saúde não eram como um nicho, as histórias de saúde são histórias econômicas, políticas e sociais e são sobre os momentos mais íntimos de nossas vidas e as coisas que mais importam para nós, que moldam a forma como interagimos uns com os outros, mas também sempre há histórias de poder, existem histórias de sistemas e, se as pessoas não têm acesso a cuidados de saúde, tudo o que acontece em suas vidas é muito menor relevante.

Garry Aslanyan [00:05:40] Paul, como você disse, você é PhD em biologia celular e genética. Você pode nos contar mais sobre como essa experiência realmente influenciou os tipos de histórias nas quais você escolheu se concentrar?

Paul Adepoju [00:05:51] Quando eu estava no ensino médio, como eu disse, as notícias eram boas e boas para mim, eu ia às bancas de jornal para ler jornais, comprar jornais e, como estudante de ciências, eu ia para a seção de ciências do jornal. Naquela época, o que víamos com frequência era provavelmente uma história científica publicada pelo The New York Times, chegando a um jornal nigeriano e, às vezes, essas edições publicadas por esses periódicos ou jornais estrangeiros não eram realmente relevantes localmente. Então, decidi que, como estou neste espaço, entendo esse espaço muito melhor e conheço os problemas que um jornalista de outro lugar pode nem mesmo conhecer, então decidi começar a procurar oportunidades de contar essas histórias localmente relevantes que acredito serem verdadeiras e importantes para o público nigeriano e outros africanos, que eu possa alcançar pessoalmente e diretamente, para um público mais local. Então, essa sempre foi minha jornada e continua sendo meus interesses até hoje.

Stephanie Nolen [00:07:00] Garry, não quero roubar seu chapéu, mas posso fazer uma pergunta ao Paul?

Garry Aslanyan [00:07:05] Por favor Sim

Stephanie Nolen [00:07:06] Paul, minha impressão é que muitas vezes reportagens de saúde para uma agência de notícias africana, e talvez isso tenha mudado um pouco, certamente após a COVID, mas não era como uma ocupação de status muito alto. Muitas vezes eu encontrava esses repórteres de saúde que sofriam há muito tempo e diziam: “Eu entendo as histórias que ninguém mais na redação quer fazer. Ninguém entende por que isso é importante.” E notícias políticas, notícias de negócios, esse seria o assunto principal a ser relatado, enquanto as histórias de saúde que tinham muito a ver com a

vida real dos leitores não eram consideradas uma prioridade. Gostaria de saber se você encontrou isso e, em caso afirmativo, como navegou por ele.

Paul Adepoju [00:07:45] Você está absolutamente correto. Estive envolvido em uma iniciativa para realmente ajudar a melhorar as habilidades de reportagem de repórteres de saúde africanos sobre como identificar histórias e acho que, além do que está acontecendo nas editoriais, jornalistas que provavelmente não têm nenhuma forma de treinamento ou experiência em saúde ou ciências podem, na verdade, ter dificuldade em identificar quais notícias são realmente relevantes. E eu acho que tudo é abrangente e não apenas sobre uma questão singular. Por exemplo, mesmo quando há um surto, todos na comunidade estarão interessados em saber como se manter seguros. Eles estarão interessados em saber quais são as últimas tendências em relação a esse assunto específico e, é claro, podemos escrever questões de saúde do ponto de vista da economia, do ponto de vista da política. Então, acho que deixamos de lutar para encontrar histórias relevantes na página central sobre saúde, ou então histórias restritas a doenças, para agora sermos capazes de escrever nossas histórias no contexto do que as pessoas querem falar. Então, acho que é uma jornada e continua melhorando. E a COVID realmente destacou isso e provavelmente fez muito mais para ajudar a trazer histórias de saúde para a primeira página.

Garry Aslanyan [00:09:11] Stephanie, você observou alguma mudança na forma como o jornalismo evoluiu durante esse período e talvez na cobertura global de problemas de saúde? Como isso evoluiu nos últimos anos, com toda a sua experiência?

Stephanie Nolen [00:09:29] COVID realmente mudou as coisas. De repente, todo mundo quer ler uma história de epidemiologia. Então, essa é uma diferença significativa em relação a quatro anos atrás, eu diria. A saúde global é apenas um microcosmo desse fenômeno maior. Você pode obter... Vou apenas dar um exemplo. Cerca de oito meses atrás, eu estava em uma vila nas profundezas da zona rural da Tanzânia. Eu dirigi 12 horas de Dar es Salaam até a capital regional e depois quatro horas da capital regional por essas estradas muito ruins até essas aldeias. E eu estava lá para conversar com as pessoas sobre uma história específica que eu estava relatando, mas quando me aproximei de um grupo de mulheres e disse quem eu era, o que estava fazendo e que estava escrevendo sobre saúde, essas mulheres que estavam selecionando milho recém-colhido no chão e disseram: “Ei, quando vai chegar a vacina contra a malária? Os ensaios clínicos foram concluídos e quando nossos filhos os receberão?” Eles sabiam 100% do status da vacina contra a malária e que seus filhos deveriam ser elegíveis e que isso poderia fazer a diferença. Eles tinham acesso a informações e um desejo por informações que eram realmente diferentes do que eu teria encontrado naquela situação, mesmo dez anos antes.

Garry Aslanyan [00:10:50] Paul, você esteve muito envolvido na capacitação dos jornalistas africanos de reportar sobre questões de saúde a partir da perspectiva local e manter até mesmo as pessoas que vivem em áreas remotas como a mencionada por Stephanie, informadas sobre os últimos desenvolvimentos em saúde. Quais têm sido algumas das necessidades de treinamento de capacidade dos jornalistas africanos?

Paul Adepoju [00:11:14] Portanto, é muito, muito importante em relação ao treinamento de capacidade. E, infelizmente, temos poucos jornalistas que estudaram jornalismo de saúde. Raramente vemos isso como um curso dedicado ao jornalismo. Jornalistas com foco na saúde global, o que significa que muitas dessas habilidades de reportagem teriam que ser adquiridas por jornalistas individuais ou fornecidas por organizações de notícias a seus funcionários. Estou sempre organizando webinars e treinamentos. Às vezes, durante a pandemia de COVID, fazíamos isso semanalmente; tivemos o Fórum Global de Relatórios de Crises de Saúde. Estávamos treinando jornalistas individualmente sobre questões-chave da COVID-19: que tipo de histórias eles podem escrever, como

eles podem entender esses tempos científicos complexos para que possam entendê-los e informar melhor seus leitores. E acredito que quanto mais um jornalista conhece um assunto, melhor é a capacidade desse jornalista de realmente escrever histórias de qualidade das quais o público e os leitores realmente se beneficiariam.

Stephanie Nolen [00:12:23] Ok, espere, então eu posso fazer o papel de advogado do diabo?

Garry Aslanyan [00:12:25] Vá em frente Sim

Stephanie Nolen [00:12:26] Eu não tenho nenhuma formação científica, e às vezes acho que isso é útil. Eu tenho que ser capaz de realmente entendê-lo para explicá-lo aos meus leitores, e um especialista tem que ser capaz de explicar isso para mim como uma pessoa que não sabe nada do que está acontecendo. Eu sempre digo isso aos especialistas quando começo a conversar com eles: eu venho reportando sobre isso há algum tempo, mas vamos supor que eu não sei nada e você está explicando isso para sua bisavó, e você tem que falar comigo sobre isso nesse nível, porque eu provavelmente preciso escrever sobre isso de uma forma ainda mais simplificada.

Garry Aslanyan [00:13:05] Tudo bem. Então, Paul, o que você tem a dizer sobre isso?

Paul Adepoju [00:13:09] Sim, eu concordo com você. Acho que, ao longo dos anos, com treinamento e reciclagem, especialmente se você estiver em uma agência de mídia bem estruturada, você tem editores que podem ir até lá e naturalmente orientá-lo e dizer: não, isso não é aceitável. Estávamos conversando sobre os primeiros dias da pandemia de COVID-19 e começamos a falar sobre como as vacinas funcionam. Alguns jornalistas relataram que, uma vez que você toma a vacina, você não pode mais ser infectado com a doença, e isso foi amplamente divulgado, considerando o fato de que era assim que eles achavam que as vacinas funcionam. Mas agora tínhamos que voltar e começar a treiná-los, então “você não pode fazer isso, nem todas as vacinas previnem permanentemente”. Então, esses tipos de educação e reeducação são o que estou dizendo que podem realmente ser importantes para que jornalistas que devem informar o público em geral e não o desinformem involuntariamente.

Stephanie Nolen [00:14:09] Acho que uma das coisas que você precisa fazer para fazer bem esse trabalho é cultivar uma lista de fontes que sejam as pessoas que desejam explicá-lo à pessoa com o menor nível de conhecimento. E algumas pessoas simplesmente entram em uma entrevista e querem te surpreender com dados e grandes palavras e apenas lembrá-lo de como elas são inteligentes. Tenho grande admiração por suas pesquisas e seu diploma em qualquer coisa, mas eles não são pessoas que são úteis para você jornalisticamente. A pessoa que está pronta para gastar o tempo necessário para explicar isso a você nos termos mais acessíveis possíveis e que está comprometida, que realmente vê valor em fazer com que o público entenda seu trabalho. E eu não sei se as pessoas estão sempre complicando as coisas conscientemente ou tentando demonstrar seu status por meio da conversa, às vezes isso talvez seja inconsciente. Eu rapidamente descubro quem são as pessoas que estarão dispostas a se envolver nesse processo comigo e simplificar, e as pessoas que não são capazes de fazer isso ou não estão interessadas, e essas pessoas estão menos acostumadas com você como jornalista.

Garry Aslanyan [00:15:16] Há muita conversa sobre como as pessoas envolvidas na saúde global ou na ciência e na pesquisa precisam melhorar a maneira como realmente interagem com o público ou com jornalistas, e isso é um processo.

Stephanie Nolen [00:15:32] Sim, mas eu não sei quem projetou esse processo, Garry, porque quando alguém me diz: “Ah, acabei de fazer treinamento de mídia”, eles saem do treinamento de mídia sendo super defensivos, incapazes de explicar nada, incrivelmente nervosos. E “oh, eu tenho essas oito coisas

sobre as quais posso falar” e então eles lêem um pedaço de papel para mim e eu não posso usar isso. Quem pensou que isso era treinamento de mídia? Isso não é treinamento de mídia. Isso não ajuda. Eu preciso que você fale comigo como se estivéssemos tomando uma xícara de café e eu morasse ao lado de você e eu disse, conte-me sobre seu trabalho e o que está acontecendo e o que é realmente interessante e o que eu preciso entender sobre isso e por que isso importa para minha vida? É isso que o treinamento de mídia deve ser.

Garry Aslanyan [00:16:13] Bem, esse é um feedback muito bom, tenho certeza de que vocês dois apreciarão. Vou pular para outro aspecto da saúde global, ou seja, fala-se muito em descolonizar o campo. O jornalismo é realmente imperativo para informar as narrativas que as pessoas têm sobre a saúde global, especialmente em países que não são seus. Stephanie, eu sei que você acredita e você já mencionou, e cito: “Ir lá, ir fundo e realmente ouvir.” Como essa abordagem o ajudou em suas reportagens sobre saúde global para os principais veículos de notícias ocidentais?

Stephanie Nolen [00:16:58] Acho que eu separaria essas duas coisas. Acho que o processo de descolonização está apenas começando e é incrivelmente importante e, tanto quanto possível, o poder e a capacidade de contar essas histórias devem estar nas mãos das comunidades que as estão realmente vivendo. Acho que, caso a caso, é útil que alguém desempenhe um papel interpretativo, seja sobre o que Paul estava falando anteriormente; vamos nos certificar de que estamos contando histórias que são realmente relevantes para esse público, e como posso pegar o que está no éter e empacotá-lo ou apresentá-lo de uma forma que seja útil para as pessoas? Quero ouvir essas histórias das pessoas que as vivem e quero contá-las da perspectiva das pessoas que as vivem. Acabei de escrever uma história que, em geral, era sobre como o sistema de ensaios clínicos, o sistema de desenvolvimento de medicamentos, tal como existe globalmente agora, bloqueia completamente o processo. Pesquisas vindas do Sul Global que estão tentando produzir tratamentos específicos para doenças tropicais negligenciadas. Não há incentivo ao lucro, nenhuma grande empresa farmacêutica está fazendo isso. Se você não tem recursos financeiros de uma grande indústria farmacêutica, você pode ter um tratamento super promissor, como os que eu estava escrevendo da Colômbia, mas você não vai colocá-los no mercado. Então, fui à Colômbia, a Medellín, para ver a pesquisa nas instituições, nas instituições políticas, mas também saí com os médicos que estavam usando esses tratamentos nas comunidades para conversar com as pessoas sobre por que os medicamentos existentes não funcionam para elas e para realmente ver... Foi uma viagem incrivelmente árdua para chegar até essas pessoas, e essa é a viagem que elas precisam fazer ao contrário todos os dias, para chegar a um hospital que administrará os tratamentos atuais que estão no mercado. Então, é por isso que eles são completamente inviáveis, o que é algo que alguém poderia ter me dito no telefone, mas acho que contei essa história de uma forma mais poderosa, de uma forma mais acessível para um leitor, descrevendo realmente como foi chegar até essas pessoas.

Garry Aslanyan [00:18:58] Por meio da experiência.

Stephanie Nolen [00:19:00] Sim Eu realmente tenho que entender isso. E o COVID foi interessante nesse sentido, porque de repente todos nós tivemos que reportar de nossas mesas e olhar, você pode fazer isso. Eu não acho que você faça isso também. Para dar outro exemplo rápido. A primeira viagem que fiz quando finalmente pude viajar novamente durante a pandemia foi para a África do Sul, e isso foi, ironicamente, o dia em que eu estava partindo foi o dia em que cientistas sul-africanos anunciaram com seus colegas de Botsuana a descoberta da Omicron. Eu cobri aquela coletiva de imprensa, entrei no avião, meu avião pousou em Amsterdã e as fronteiras internacionais foram fechadas. Então, eu não sei se você se lembra dessa história, mas eu estava naquele avião que ficou isolado no aeroporto de Schiphol por um longo tempo. Nem sempre se deseja estar no meio das notícias da mesma maneira. De qualquer forma, fui à África do Sul, conversei com Tulio e outros sobre variantes, e eles estavam

fazendo uma ciência incrível, sobre a qual eu ia escrever. O que eu não tinha entendido até chegar lá era que isso representava apenas 50% do esforço de caça variante e os outros 50% estavam sendo feitos por agentes comunitários de saúde não remunerados, quase todos mulheres, que estavam trabalhando na adesão ao tratamento, na adesão ao tratamento do HIV nas comunidades, porque havia a preocupação de que pessoas com HIV não tratado que também tinham COVID pudessem estar incubando inadvertidamente variantes do vírus. E foi como, sim, aqui está esse esforço científico incrivelmente sofisticado. Também é possível caminhar por caminhos de terra em municípios por profissionais de saúde voluntários comunitários não remunerados, um esforço que é cerca de 50% dessa peça e é igualmente importante. Isso não é algo que eu ouviria ou entenderia no telefone. Então, até certo ponto, você só precisa ir.

Garry Aslanyan [00:20:47] Paul, você tem alguma ideia sobre isso, por favor?

Paul Adepoju [00:20:52] Sim E acho que o que também quero acrescentar é que também existem questões que Stephanie destacou que também exigiram a necessidade de capacitar jornalistas nesses países, para garantir que essas questões também sejam abordadas em um padrão globalmente relevante, de forma que não precisemos depender de alguém vindo de 10.000 ou 15.000 milhas de distância para relatar uma história quando, na verdade, há jornalistas muito mais perto de onde o problema está acontecendo. E acho que, para mim, quando comecei minha jornada e pensei em apenas reportar sobre isso para veículos locais, até começar a ler histórias sobre minha região escritas por jornalistas, eu nem viajei e você saberia quando um jornalista que relatou a história nem mesmo fez nenhum esforço para visitá-la. Então você veria como essas brechas, você veria todas essas deficiências...

Stephanie Nolen [00:21:53] Nunca entrei no avião!

Paul Adepoju [00:21:57] Você veria todas essas deficiências e, infelizmente, quando aqueles jornalistas que não se esforçassem para realmente escolher as coisas, mas confiavam apenas em seu conhecimento ou compreensão limitados das informações, conseguissem contorná-las facilmente. Quando as histórias certas estão nas principais plataformas líderes, às vezes essas histórias são ocultadas pelas políticas nas quais as organizações globais confiam indiretamente. Ficou evidente durante o COVID, quando ninguém podia voar por aí, quando você não pode simplesmente entrar na África e voltar, que é necessário começar a ouvir jornalistas nesta parte do mundo, começar a fazer referência às suas histórias e confiar nelas. Eu e alguns outros que são da África, em países que estão escrevendo para veículos internacionais de alta qualidade, decidimos continuar. Estávamos sempre reportando, e muitos desses veículos confiavam fortemente em nossas histórias, razão pela qual, quando falamos sobre descolonização, não se trata apenas de garantir que os jornalistas emitam as vozes verdadeiras no terreno, um reflexo verdadeiro do que está sendo relatado, mas pessoas como jornalistas que estão ao redor e mais perto desses lugares sejam realmente capacitadas e adequadamente treinadas para serem capazes de relatar profissionalmente essas histórias com qualidade de jornalismo global e internacional nível.

Garry Aslanyan [00:23:33] Em uma época em que tantas pessoas se consideram repórteres de notícias em 140 caracteres, qual é a perspectiva e o valor únicos que vocês, como jornalistas, podem contribuir, não apenas para a compreensão do público sobre a saúde global, mas também para a compreensão dos profissionais de saúde global? Paul, talvez então Stephanie.

Paul Adepoju [00:23:55] Pessoalmente, como jornalista, sempre gosto de ter muitas informações, e meu trabalho como jornalista agora é processar as informações que tenho, passar pelo processo de filtragem, analisar o que é verdade, dar esse passo adiante, não apenas ditar ou amplificar o que está

sendo compartilhado em 140 caracteres. Acho que esse ataque de informações realmente tem seus próprios benefícios, e acho que o que estamos enfrentando atualmente destaca a necessidade de jornalismo, de jornalistas verdadeiros, de jornalistas bem treinados, de jornalistas independentes que não estão amplificando informações não confirmadas. Embora a desinformação continue crescendo, acho que essas questões estão destacando a lacuna que se espera que os jornalistas preencham e, eventualmente, o mundo precisará continuamente de jornalistas para serem capazes de ver o que é o ruído e o que é realmente factual e deve ser confiável. Você concorda comigo, Stephanie.

Stephanie Nolen [00:25:08] Acho que estamos em um momento muito complicado e na verdade não sei qual é a solução, porque a capacidade de atenção das pessoas diminuiu completamente e elas acham que, ao lerem uma postagem no Instagram, agora estão totalmente informadas sobre algo. Então, acho que valorizo enormemente as mídias sociais, especialmente nos anos do COVID, quando eu não podia ir a lugar nenhum, permitindo que eu me conectasse com pessoas, encontrasse pessoas e ouvisse vozes que eu não ouviria de outra forma. Acho que é muito valioso e também é valioso para um leitor que pode fazer isso sozinho, mas ainda não resolvemos o problema da desinformação. Acho que a COVID deixou bem claros os incríveis riscos decorrentes disso. Além disso, acho que realmente perdemos a capacidade de sermos leitores críticos e não sei como ensinar isso para uma população em nível global. Como avaliar o que é uma fonte real, como avaliar quando algo foi relatado de forma diligente ou minuciosamente relatada. E tem esse tipo de... Estou perplexo, de várias maneiras, com a polarização da mídia. Eu recebo este e-mail que me acusa de ter uma agenda política para coisas em que eu penso, uau, tipo, como você chegou a essa conclusão? Portanto, há um grande desafio em tentar recuperar ou estabelecer algum nível... Regain, eu não sei, já o tivemos? Mas para tentar ter credibilidade e fazer com que as pessoas se envolvam com informações relatadas com precisão. E eu não tenho ideia de como você conserta essas coisas.

Garry Aslanyan [00:26:48] Como você vê o campo do jornalismo de saúde global ajudando a atingir as metas globais de saúde, garantindo que as histórias importantes sejam contadas? O que você gostaria de ver mudado? Paul talvez e depois Stephanie.

Paul Adepoju [00:27:01] Precisamos manter o ímpeto que a COVID criou para as histórias de saúde e garantir que as histórias de saúde, problemas de saúde, não voltem para um pequeno canto do jornal. Há também a necessidade de capacitar, ampliar e chamar mais atenção às plataformas dedicadas de relatórios de saúde, porque não importa o que façamos, ainda há um limite para o que uma publicação de notícias em geral pode comprometer com a reportagem sobre saúde e há muitos problemas de saúde. Existem muitos e muitos problemas de saúde, eles têm diferentes ângulos. Existem diferentes questões que estão sempre competindo por atenção. Uma publicação que tem apenas uma página por dia ou três páginas por semana para a saúde, onde as publicações publicam apenas uma edição tópica apenas uma vez por semana. Pouco pode ser feito para garantir que esses problemas sejam abordados e que todos os assuntos relevantes recebam atenção. Se nem mesmo estivermos interessados em ler sobre eles, se nem mesmo estivermos interessados em chamar a atenção para eles, se nem mesmo estivermos interessados em ampliar o relato dessas questões, o alcance dessas metas globais de saúde estará ameaçado. Não podemos subestimar a importância dos relatórios de saúde para alcançar as metas que alcançamos durante a pandemia da COVID-19. As organizações de notícias e os meios de comunicação estavam totalmente envolvidos em chamar a atenção, às vezes em atualizações e em manter as pessoas informadas sobre o que está acontecendo. E quando as pessoas estão bem informadas, isso se traduz em mudanças reais. Imagine se estivéssemos recebendo relatórios sobre outros problemas de saúde, pois o COVID estava recebendo toda a atenção, quando outros problemas de saúde também estavam recebendo toda a atenção. Então, acho que precisamos garantir e estar cientes de que estamos conversando um com o outro. Precisamos garantir que as partes interessadas aceitem o fato de que essas metas globais são quase impossíveis de alcançar sem relatórios adequados

e tudo o que precisa ser feito para promover esses relatórios. E acho que precisamos começar a ver a saúde a partir de um panorama maior que seja relevante para nós e que possamos realmente construir um ecossistema inteiro em torno de tal forma que os jornalistas interessados em reportar histórias tenham microfones maiores ou plataformas maiores ou maiores oportunidades de realmente contar suas histórias. Portanto, não é só o trabalho dos jornalistas. Não é apenas o trabalho das agências de mídia. Tudo gira em torno de todos os envolvidos nesse ecossistema aceitarem o fato de que, se quisermos estar mais protegidos contra a próxima pandemia, se quisermos garantir que as pessoas estejam bem informadas, o que deve continuamente capacitar, apoiar e oferecer plataformas aos jornalistas, ouvir jornalistas, responder às suas perguntas, responder suas perguntas e estar genuinamente interessadas em simplificar nossos problemas complexos para eles.

Garry Aslanyan [00:30:17] Stephanie?

Stephanie Nolen [00:30:17] Para me basear em algo que Paulo mencionou, acho que seria muito útil superar essa ideia da página de saúde, ou que uma vez por semana abordássemos esses assuntos. Para voltar à ideia que mencionei anteriormente de que as histórias de saúde também são histórias políticas, econômicas e sociais, só precisamos tirar isso disso, essa é uma palavra muito usada, mas fora do silo. E para Paul dizer que as pessoas precisam de educação e treinamento, certifique-se de que muitos repórteres tenham um nível básico de habilidade para cobrir essas histórias, que os editores tenham o nível educacional para editá-las, mas também que estejam procurando por elas, as vendo e as entendendo. É maravilhoso que o The New York Times tenha um correspondente de saúde global, mas, como Paul disse, é o que está acontecendo na vida imediata das pessoas, os riscos que elas enfrentam, as medidas que podem tomar para serem mais saudáveis. Essa é uma questão de jornalismo local. E o jornalismo local, como todos sabemos, está desesperadamente carente de fundos e se retraindo, se contraindo o tempo todo, então eu realmente me preocupo com isso. Eu me preocupo com o que está disponível. Onde as pessoas obterão essas informações e o que preencherá esse vácuo se não for um jornalismo de saúde local confiável? Acho que isso é realmente um problema e acho que estamos apenas começando a tentar descobrir como tornar esse tipo de jornalismo sustentável e bom. E então eu me preocupo. Eu me preocupo com a indústria. Eu me preocupo com o futuro do setor como um todo. Eu me preocupo com o local onde as pessoas recebem suas notícias e acho que a COVID nos mostrou que é extremamente importante que as pessoas tenham acesso a uma cobertura precisa, de alta qualidade e diretamente relevante sobre problemas de saúde. E, francamente, acho que não estamos indo na direção de tornar isso mais acessível às pessoas.

Garry Aslanyan [00:32:08] Obrigada Foi uma ótima conversa. Eu certamente aprendi muito.

Stephanie Nolen [00:32:12] Eu também!

Garry Aslanyan [00:32:13] Então, ambos, Paul e Stephanie.

Stephanie Nolen [00:32:16] Obrigado por me receber.

Paul Adepoju [00:32:18] Obrigado por me receber. Agradeço a oportunidade de compartilhar minhas ideias sobre esse tópico. Foi uma conversa muito boa. Obrigada

Garry Aslanyan [00:32:25] Obrigada Neste episódio, Stephanie nos lembra que histórias de saúde são histórias econômicas, políticas e sociais. Também são histórias de poder. Por esse motivo, Stephanie e Paul destacaram o valor de combinar o local com o global ao relatar histórias de saúde. Nada pode substituir falar com as pessoas afetadas pelos problemas em primeira mão para entender como a saúde as molda no nível individual e coletivo. Colaborar com jornalistas é uma contribuição que todos

nós na esfera da saúde global podemos dar para combater a desinformação e escrever juntos uma narrativa de saúde global mais saudável.

Garry Aslanyan [00:33:15] Vamos ouvir outro de nossos ouvintes, Habib Benzian, professor da Faculdade de Odontologia da Universidade de Nova York.

Habib Benzian [00:33:29] Oi, Garry. Eu escuto seu podcast regularmente, especialmente durante minhas corridas matinais, quando consigo me concentrar e mergulhar nos tópicos apresentados. Meu nome é Habib Benzian. Sou professor de epidemiologia e promoção da saúde na Faculdade de Odontologia da Universidade de Nova York. Também sou codiretor do Centro Colaborador da OMS em Saúde Bucal. O que eu gosto no podcast Global Health Matters é a variedade de tópicos, combinada com as percepções profundas e experientes de seus convidados. Em tempos em que a comunidade global de saúde está cada vez mais fragmentada em tópicos verticais, é muito útil manter uma mentalidade universalista para enfrentar os desafios da saúde global e focar nas questões transversais. Estou me permitindo propor um futuro tópico de podcast para você e seus ouvintes; é saúde bucal. Praticamente todas as pessoas no planeta são afetadas por problemas de saúde bucal e quase metade da população mundial sofre de uma ou várias doenças bucais. A saúde bucal é uma nova e desafiadora fronteira de saúde pública, muito adequada para ser explorada em seu podcast. Obrigado Garry e continue com o bom trabalho.

Garry Aslanyan [00:34:40] Obrigado Habib. É ótimo saber que você gosta do podcast e agradecemos sua sugestão para um episódio futuro.

Garry Aslanyan [00:34:46] Para saber mais sobre o tópico discutido neste episódio, visite a página da web do episódio, onde você encontrará leituras adicionais, notas de apresentação e traduções. Não se esqueça de entrar em contato conosco via mídia social, e-mail ou compartilhando uma mensagem de voz com suas reflexões sobre este episódio.

Elisabetta Dessi [00:35:09] O Global Health Matters é produzido pelo TDR, um programa de pesquisa baseado na Organização Mundial da Saúde. Garry Aslanyan é o apresentador e produtor executivo. Lindi van Niekerk e Obadiah George são produtores técnicos e de conteúdo. A edição, comunicação, disseminação, design para web e mídia social do podcast são possíveis por meio do trabalho de Maki Kitamura, Chris Coze, Elisabetta Dessi, Izabela Suder-Dayao e Chembe Collaborative. O objetivo do Global Health Matters é produzir um fórum para compartilhar perspectivas sobre as principais questões que afetam a saúde global. Envie-nos seus comentários e sugestões por e-mail ou mensagem de voz para TDRpod@who.int e não se esqueça de baixar e assinar onde quer que você obtenha seus podcasts. Obrigado por ouvir.